

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ROBERTA ROCHA BRITO DE ANDRADE**

**O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM VITÓRIA DA CONQUISTA –  
BA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DOS PÓLOS DE  
CRESCIMENTO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

**2014**

**ROBERTA ROCHA BRITO DE ANDRADE**

**O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Economia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharel em Economia.

**ORIENTADOR: RONAN SOARES**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2014

**ROBERTA ROCHA BRITO DE ANDRADE**

**O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Economia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Ronan Soares  
Orientador

---

Examinador (a)

---

Examinador (a)

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha filha Andressa.

## AGRADECIMENTOS

Chega ao fim mais uma jornada de minha vida e o início de uma nova fase. Para alcançar esse sonho que tanto almejei e que se resume em anos de dedicação, superação e força de vontade, foi essencial o apoio de várias pessoas. Primeiramente, do professor Ronan por se dispor quando mais precisei e por aceitar a me orientar. Agradeço também aos professores, Sofia Manzano, Eduardo, Josias, Fernanda, Andrea e Rondinaldo, pelas sugestões e incentivo dado a mim ao longo do curso. Ao professor Leal Andrade, que sempre com muito carinho me deu força e tranquilidade. A toda equipe de professores que compõem o Colegiado de Ciências Econômicas, a Sergio que sempre esteve disponível para nos orientar e esclarecer dúvidas. Obrigada também aos meus colegas, pelo apoio e parceria, em especial, Gisele, que foi minha colega, amiga e irmã desde o início e sempre. Ao meu amigo do peito e conselheiro, Harlei, com quem compartilhei muitas alegrias e aflições e assim como Gi, passamos muitas noites estudando e tomando café para mantermos acordados. Aos colegas Sheila, Samara, Renatinha, Dierle e Marcelo pelas boas risadas, lembro-me sempre de vocês sempre.

Obrigada Senhor por nunca me abandonar e me proporcionar esse momento. Dedico essa vitória a minha guerreira Erecina, que venceu preconceitos e obstáculos para tornar-me um ser digno e exemplar, me ensinando a não desistir e não me deixar abater pelas dificuldades, mãe obrigada por segurar minha mão todas as vezes que pensei em desistir e por me erguer toda vez que tropeçava em barreiras, a senhora é meu exemplo de vida, força, amor e coragem, te amo.

A minha metade, Andressa, minha razão de lutar sempre, ela que mesmo pequenina muito sábia e sensível a ponto de me aconselhar e incentivar sempre. Te amo filha. Aos meus irmãos: Murilo, Maria Helena e Priscila e Elvis por todo amor e apoio dedicados a mim, formando sempre uma corrente de muita força, amo vocês. Ao meu pai Damião, pois sei que estive presente em suas orações, te amo pai. As minhas primas Angra, Suzana e Joelma que as tenho como irmãs. Aos meus cunhados Thiago e Gustavo que sempre buscaram o melhor pra mim, vocês são chatos, mas, os amo muito.

Aos meus amigos Tiago Ludovico, Koala e minha família Tirana Seca. Aos grandes amigos, Djalma, Diego Didalo, Dedé, Selma, Juliany, Abson e Mari, Sara e Jó, George e Samanta, Daniel e Suelen, Paulo Ludovico e Ielis, minhas amigas e irmãs, Livia Borges (minha parceira), Nalvinha, Thays Ludovivo, Kalina, Paula Teles, Larissa, Elizete, Mariana, Cahina e Luana que, em especial, me ajudou muito estando presente, me apoiando e dando

força. Às minhas novas amigas Vanusa, Fabiana, Dayane, Cléo, Carol, e Nelbaneide (jojó). A todos os familiares que torceram por mim, minha avó Maria que sempre cuidou de mim, tia Nalva, tia Irene e tia Bia. Não podendo esquecer de Josué e Dan que através da palavra de Deus sempre me tranqüilizou e aconselhou nos momentos mais difíceis. Agradecer também a Wagner oliveira que esteve do meu lado em grande parte dessa caminhada, obrigada Ninho.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram neste sonho e me apoiaram sempre, tenham certeza de que sem vocês eu não teria conseguido.

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”.

(Mahatma Gandhi)

## RESUMO

A cidade de Vitória da Conquista - BA tem apresentado, nos últimos anos, um grande dinamismo na economia baiana. Através do estudo proposto, procura-se afirmar que um dos setores econômicos responsáveis por tal dinamismo é o da construção civil, dessa forma, buscou-se apresentar os efeitos da construção civil na economia de Vitória da Conquista como atividade geradora de emprego e renda, bem como estimar a cadeia produtiva do setor de modo a apontá-lo como setor-chave. Alguns estudos mostram que a construção civil é um setor que deve ser priorizado uma vez que apresenta forte interligação para trás e para frente o que causa impacto na produção de outras atividades, gerando emprego e renda. No entanto, em Vitória da Conquista esses efeitos têm sido pouco observados, pois a maior parte das interligações da construção civil foram observadas fora da cidade e, até mesmo, da região. A metodologia utilizada no trabalho, para atender o objetivo proposto, foram os métodos de pesquisa exploratória e explicativa. O método explicativo foi utilizado como base para a construção do fenômeno de pesquisa. Duas ferramentas amplamente utilizadas nesse esboço foram à pesquisa bibliográfica e a coleta de dados, que potencializou os conhecimentos colocando o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito. A coleta de dados foi realizada com as quatro maiores empresas de Construção Civil de Vitória da Conquista – BA, através de entrevistas semi-estruturadas.

**Palavras-chave:** Construção civil. Pólos de crescimento. Vitória da Conquista.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Cadeia Produtiva da Construção Civil em Vitória da Conquista	33
Figura 2 – Detalhamento da cadeia produtiva da construção civil de Vitória da Conquista	34

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pessoal ocupado e valor corrente das incorporações, obras e/ou serviços da indústria da construção, segundo as Grandes Regiões - 2007/2011	30
Tabela 2 - Remuneração média de empregos formais de Vitória da Conquista no ano de 2010 (em R\$)	38
Tabela 3 - Remuneração média de empregos formais de Vitória da Conquista no ano de 2012 (em R\$)	38
Tabela 4 – Relação entre a quantidade de posto de empregos gerados e massa salarial paga pela construção civil e total dos postos de emprego gerados e total dos salários pagos em Vitória da Conquista nos anos de 2008, 2010 e 2012.	41

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Valor adicionado da atividade construção no Brasil de 2007-2011	29
Gráfico 2 – Principais problemas da indústria de construção brasileira – 2009	31
Gráfico 3 – Remuneração média paga pela construção civil em Vitória da Conquista, Bahia e Brasil em 2010.	39
Gráfico 4 – Remuneração média paga pela construção civil em Vitória da Conquista, Bahia e Brasil em 2012.	40
Gráfico 5 – Quantidade de empregos formais gerados pela Construção Civil em Vitória da Conquista.	40

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BA	Bahia
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH	Banco Nacional de Habitação
CBIC	Câmara Brasileira da Indústria da Construção
CE	Ceará
CNI	Confederação Nacional da Indústria
COHAB	Companhia Habitacional
FCP	Fundação da Casa Popular
FGV	Fundação Getulio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPi	Imposto Sobre Produtos Industrializados
MA	Maranhão
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAIC	Pesquisa Anual da Indústria da Construção
PE	Pernambuco
PIB	Produto Interno Bruto
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SBPE	Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SFH	Sistema Financeiro da Habitação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO E O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL.....</b>	<b>16</b>
1.1 A teoria dos Pólos de crescimento.....	16
1.2 O conceito de construção civil e sua relevância na criação de pólos de crescimento .....	22
<b>CAPÍTULO 2 – O SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL NO BRASIL.....</b>	<b>23</b>
2.1 A evolução do setor da construção civil Brasileiro .....	23
2.2 O perfil do setor da construção civil brasileiro atual.....	28
<b>CAPITULO 3 - CONSTRUÇÃO CIVIL E A TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO .....</b>	<b>32</b>
3.1 A polarização técnica.....	32
3.2 A polarização por rendas .....	37
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O município de Vitória da Conquista é o terceiro maior, em termos demográficos, do estado da Bahia, com uma população de 306.866 em 2010, o que corresponde a 2,1% da população do estado. No ano 2000 a população local era de 262.494 habitantes, o que significa um crescimento em torno de 17% da população em dez anos, sendo que no mesmo período a população do estado cresceu 7% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2011). Ademais, a cidade polariza uma mesoregião com aproximadamente 200 km de raio e um conjunto de cerca de 80 municípios que somam, aproximadamente, 2 milhões de habitantes (IBGE, 2007).

Em termos econômicos, o município apresentou um Produto Interno Bruto - PIB de R\$ 2.619.936.000 em 2008, a preços correntes, todavia esse valor era de R\$ 1.063.500.000 em 2002, ou seja, houve um crescimento de 146%. O estado da Bahia, no mesmo período, apresentou, por sua vez, um crescimento no PIB de 100% (SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA - SEI, 2010).

Uma das explicações para esse desempenho é a sua privilegiada localização geográfica, pois a cidade é cortada por uma rodovia federal, a BR-116, e por duas rodovias estaduais, a BA-262 e a BA-415. Dessa forma, Vitória da Conquista se consolida como um importante entreposto entre diferentes estados e diferentes municípios baianos, o que tem impulsionado o crescimento da cidade, sobretudo nos setores de saúde, educação e construção civil.

Não obstante, o setor de construção civil, em 2010, empregou 4051 pessoas em Vitória da Conquista, sendo que em 2000 este número era de 1035 trabalhadores - um crescimento de 291,4% (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE, 2011). Vale destacar, que este macro setor tem apresentado relevância na economia brasileira como um todo, sendo que, em 2003, a indústria de construção já respondia por aproximadamente 15% do Produto Interno Bruto - PIB do país (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV, 2005).

Segundo a FGV (2001; 2005), a atividade de construção civil propriamente dita compreende desde a preparação de terreno até as atividades de fornecimento de matérias-primas, atividades imobiliárias, financiamento e manutenção imobiliária. Esses dados mostram que a indústria de construção tem uma extensa e complexa cadeia produtiva, por isso exerce forte alavancagem econômica nos setores que lhe servem de fornecedores de insumo. Todavia, a infraestrutura local também exerce importante influência sobre a atratividade de

empresas para determinada localidade e estas, por sua vez, influenciam em maior ou menor grau mercados externos e internos.

Partindo disso, este estudo busca responder ao questionamento: a construção civil em Vitória da Conquista apresenta sinais de um pólo de crescimento? Logo, a finalidade do presente esboço é verificar se o setor da construção civil do município apresenta sinais de um pólo de crescimento. Tal análise se faz relevante, pois, como mostrado anteriormente, a indústria de construção tem forte impacto socioeconômico, enquanto atividade geradora de emprego e renda.

Para tanto o trabalho, além da introdução e conclusão, é composto por três capítulos. O primeiro capítulo fará uma relação entre a teoria dos pólos de crescimento e o setor da construção civil, com o intuito de discutir a relevância da indústria de construção para a formação de pólos de crescimento, segundo estudos desenvolvidos por Perroux (1977) e Hirschman (1961).

No segundo capítulo, utiliza-se o embasamento teórico de Chaves (1985) para fazer uma reconstituição histórica da formação do setor de construção civil, realizando uma forte relação entre os marcos da expansão no país e o caminho percorrido pela atividade construtora, apresentando também dados, segundo Shimbo (2010) sobre a atual situação do setor da Construção Civil brasileiro.

Baseando-se nos dados oferecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, no último capítulo é feita uma abordagem sobre a comprovação do crescimento da construção civil no Brasil, na Bahia e em Vitória da Conquista, através da geração de novos empregos, fazendo um comparativo com outros setores da econômica, caracterizando assim o segmento como uma indústria motriz.

A metodologia utilizada no trabalho, para atender objetivo proposto, foram os métodos de pesquisa exploratória e explicativa. Segundo GIL (2007), o método exploratório tem por principal finalidade a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, e pode envolver levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Duas ferramentas amplamente utilizadas nesse esboço foram a coleta de dados e a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos (2007), a pesquisa bibliográfica servirá para potencializar os conhecimentos com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, permitindo um modelo teórico inicial.

No momento da coleta de dados, que foram realizadas nas quatro maiores empresas de Construção Civil de Vitória da Conquista – BA, obtendo dados de fontes primárias, através de

entrevistas semi-estruturadas, que segundo Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os dados secundários, por sua vez, foram obtidos junto a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do MTE.

Já o método explicativo, foi usado, pois uma das suas finalidades é a utilização de referencial teórico construído como base para a explicação do fenômeno pesquisado. Com isso, foi possível obter uma perspectiva sobre a importância do setor da construção civil em Vitória da Conquista.

Dessa forma, tentou-se delinear os principais aspectos decorrentes da influência da indústria de construção no município em questão, tanto no âmbito econômico quanto socioeconômico, assim como a possível constituição de um pólo de crescimento na cidade.

## **CAPÍTULO 1 – A TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO E O SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Este capítulo visa verificar a relação entre a teoria dos pólos de crescimento e o setor da construção civil, com o objetivo de validar a presente pesquisa. Para tanto, inicialmente são apresentadas as principais teorias sobre pólos de crescimento. Em seguida, por sua vez, busca-se circunscrever as atividades que englobam o setor da construção civil e discutir a relevância da indústria de construção para a formação de pólos de crescimento.

### **1.1 A teoria dos Pólos de crescimento**

Através da teoria da polarização, ou dos polos de crescimento, verifica-se que o crescimento das regiões, muitas vezes, é determinado pela disponibilidade de recursos naturais e humanos, da estrutura do mercado interno e da estrutura produtiva, propriamente dita.

Tais fatores são responsáveis pela atração de indústrias que passam a produzir para os mercados internos e externos. Como a disponibilidade desses fatores é diferente entre as localidades, espera-se, da mesma forma, que o crescimento também seja em ritmo diferente entre os territórios.

Perroux (1977) foi o precursor da teoria dos polos de crescimento, partindo da crítica à ideia neoclássica que, além de não considerar o território, defendia o crescimento equilibrado e tinha como suposição a concorrência perfeita e o não progresso técnico.

As observações de Perroux (1977) o levaram a considerar que o crescimento econômico não se distribui da mesma forma entre setores e territórios, as taxas de crescimento das atividades, nos diferentes sítios, costumam ser diferentes, nenhuma economia apresenta o comportamento descrito pelo modelo neoclássico, pois

O fato, rude mas verdadeiro, é o seguinte: o crescimento não aparece simultaneamente em toda parte. Ao contrário, manifesta-se em pontos ou pólos de crescimento, com intensidades variáveis, expande-se por diversos canais e com efeitos variáveis sobre toda a economia (PERROUX, 1977, p.146).

O pólo de crescimento surge graças ao aparecimento de uma indústria motriz, aquela que surge sob a forma de grande indústria moderna, antes das demais, faz separação dos fatores de produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo domínio e decompõe tecnicamente as tarefas e a mecanização.

De acordo Souza (2009, p.58-59), uma indústria motriz apresenta as seguintes características:

(a) cresce a uma taxa superior à média da indústria nacional; (b) possui várias ligações de insumo-produto, através das compras e vendas de insumos que efetua em seu meio, sendo também uma indústria-chave; (c) apresenta-se como uma atividade inovadora, geralmente de grande dimensão e de estrutura oligopolista; (d) possui grande poder de mercado, influenciando os preços dos produtos e dos insumos e, portanto, a taxa de crescimento das atividades satélites a ela ligadas; (e) produz geralmente para o mercado nacional e, mesmo, para o mercado externo.

Assim, a indústria motriz, atuando para obter matérias-primas, atrair mão-de-obra e produzir, funciona como agente dinamizador da vida regional. Também provoca, deste modo, a atração de outras indústrias, resultando em aglomeração populacional, o que impulsionará o desenvolvimento de atividades primárias fornecedoras de alimentos e matérias-primas, e estimulará o desenvolvimento de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que se instala ao seu redor.

Dessa forma, pode-se dizer que as principais características encontradas nesse complexo industrial são: aglomeração geográfica, presença de uma indústria-chave e regime não concorrencial entre as várias indústrias existentes.

Indústria-chave pode ser entendida como aquela indústria que provoca, no conjunto geral da economia, um crescimento de vendas de outros produtos superior ao crescimento de suas próprias vendas. Quase sempre, as indústrias-chave são aquelas que produzem matérias-primas, energia e transportes.

Desta forma, o conceito de indústria motriz é, portanto, mais amplo do que o de indústria-chave. Logo, pode-se afirmar que toda indústria motriz é uma indústria-chave, porém nem toda indústria-chave é uma indústria motriz: a diferença é que a indústria motriz além de impulsionar o crescimento das vendas em outras empresas mais que proporcional ao aumento de suas vendas, apresenta um crescimento maior que a média nacional (SOUZA, 2005).

Também a indústria motriz caracteriza-se pela efetiva dimensão de seus encadeamentos, exercendo, assim, impactos significativos sobre a economia local. No entanto, a intensidade das relações internas (na economia local) deve ser maior em comparação com as relações com outras regiões.

Assim, conforme Paelink (1977) pode-se diferenciar uma empresa inserida localmente de outra simplesmente localizada fisicamente em um ponto geográfico. Para uma empresa ser inserida localmente é preciso que ela seja geográfica e economicamente situada. É possível então, considerar que uma empresa está geograficamente situada quando no local estão disponíveis os recursos utilizados por ela, como matérias-primas e mão-de-obra. Já uma empresa “deslocalizada” tem que importar suas matérias-primas de outra localidade, e/ou manter relações técnicas com empresas fora da região e seu mercado consumidor principal está em outras localidades.

Essas vinculações ou relações técnicas foram denominadas por Hirschman (1961,p.155) de encadeamentos para frente a para trás, em suas palavras:

- 1) O *input*-provisão procura derivada, ou *efeito em cadeia retrospectiva*, isto é, cada atividade econômica não-primária induzirá tentativas para suprir, através da produção interna, os *inputs* indispensáveis àquela atividade.
- 2) A produção-utilizada, ou *efeito em cadeia prospectiva* ou seja, toda atividade que, por sua natureza, não atenda exclusivamente às procuras finais, induzirá a tentativas de utilizar a produção como *inputs* em algumas atividades novas.

Do efeito em cadeia retrospectiva emerge o conceito de capacidade econômica mínima que refere-se à

[...] capacidade que tem a firma do país, tanto para garantir lucros normais quanto para concorrer com fornecedores estrangeiros, já existente, levando-se em conta as vantagens e desvantagens locais, bem como, talvez, certa proteção à indústria incipiente [...] (HIRSCHMAN, 1961, p.157)

Do efeito em cadeia prospectiva, surge o conceito de indústria-satélite que, de acordo com Hirschman (1961), apresenta as seguintes características: i) desfruta de grande vantagem

de localização pela proximidade da indústria principal; ii) emprega como *input* principal um produto ou subproduto da indústria principal, sem o submeter a uma transformação esmerada, ou a sua produção básica é um *input*, em geral menor, da indústria principal; e a sua capacidade econômica mínima é menor que a da indústria principal.

Deste modo, os encadeamentos para trás são mais importantes que os encadeamentos para frente, uma vez que as indústrias satélites utilizam o produto da indústria motriz sem submetê-lo a maiores transformações estruturais via processo produtivo, ou melhor, o valor adicionado é mínimo.

Os encadeamentos permitem a articulação dos elos entre as diversas atividades que integram a estrutura produtiva de determinada economia, formando suas diversas cadeias produtivas ou cadeias de valor.

Ainda para Hirschman (1961), devido aos efeitos em cadeia de duas indústrias, tomadas em conjunto, darem resultados maiores que a soma dos efeitos de cada indústria isoladamente, mostra-se o caráter cumulativo do desenvolvimento, já que:

Quando a indústria A se estabelece primeiro, os seus satélites logo surgem; quando, porém, a indústria B é subsequentemente instalada, pode isto contribuir para a criação não só dos seus próprios satélites, como também de algumas firmas, que nem A nem B, isoladamente, poderiam ter provocado. E, com a entrada em cena de C, seguir-se-ão outras empresas, que requerem os estímulos conjugados, não só de B e C, e sim de A, B e C. Esse processo pode-se estender no sentido de explicar a aceleração do crescimento industrial, que é tão relevante nas primeiras etapas do desenvolvimento de um país (HIRSCHMAN, 1961, p. 161).

Pelo que foi descrito acima, percebe-se que uma indústria motriz exerce sua influência pela intensidade das relações técnicas e comerciais impulsionadas entre empresas localizadas no sítio. Essa influência ocorre de duas formas: através de uma ação sobre os fluxos, quer seja os existentes, quer seja os futuros, e através das inovações técnicas (PEALINK, 1977).

A ação sobre os fluxos acontece caso a indústria motriz tenha uma elevação na demanda. Tal fato levará a empresa motriz a aumentar sua produção, isso resultará no aumento das compras da indústria motriz de bens e serviços das demais empresas, assim, elas também aumentarão o nível de atividade. Ocorrerá, também, um aumento dos investimentos por parte da indústria motriz, uma vez que o crescimento da demanda poderá exceder sua atual capacidade de produção.

A outra forma de influência é através de inovações nas técnicas de produção. Segundo, Perroux (1977) as inovações, no sentido adotado por Schumpeter (1982), desempenham papel

relevante na teoria dos polos de crescimento, pois, a influência desestabilizante das indústrias motrizes gera ondas de inovação.

Para Perroux (1977, p.151) “a inovação *bem sucedida*, graças a alguns agentes, constitui exemplo para outros e suscita imitações, que são elas próprias criativas”. No entanto, é importante pontuar que o conceito de inovação adotado por Perroux (1977) na sua análise sobre formação dos complexos industriais apresenta alguns aspectos que a distingue da abordagem de Schumpeter.

Este [Schumpeter] concentra unilateralmente a atenção sobre a função dos empresários privados, em particular dos grandes empresários privados; mas os poderes públicos e suas iniciativas não podem ser esquecidas, bem como as pequenas inovações de adaptação. J. Schumpeter parte de um equilíbrio estacionário estável, cujo análogo observável seria fornecido pela contratação das economias anteriores ao capitalismo; mas a análise esboçada aqui admite fundamentalmente que *não há situação real* que exprima o equilíbrio estacionário estável e que este último não é outra coisa senão um instrumento para registrar e classificar as mudanças e as instabilidades de um sistema. Enfim, J. Schumpeter elabora sua teoria para um regime de concorrência perfeita (ou quase perfeita). A análise presente integra as formas numerosas de concorrência monopolística no sentido mais amplo dessa palavra (monopólio, oligopólio e combinações de monopólios e oligopólios). (PERROUX, 1977, p. 151-152)

No caso de inovação técnica ou utilização de métodos mais eficientes que os utilizados anteriormente, a empresa motriz pode transmitir as melhorias de eficiência ao mercado por meio de uma redução dos preços em seus produtos. Assim, o consumo final será beneficiado e, caso esses produtos sejam elásticos ao preço, a redução de preço produzirá um aumento na quantidade demandada, o que fatalmente resultará no aumento de produção das empresas movidas.

Existe também a possibilidade de a empresa dominante transmitir a baixa de preços para outras empresas do complexo, as empresas que demandam seus produtos intermediários, acarretando um aumento na demanda dos produtos dessas empresas.

Assim, a indústria motriz exerce sua influência sobre as demais empresas e age sobre o produto global da economia, o que, segundo Souza (1993), pode se dar de quatro maneiras: a) pela própria participação no produto global; b) pelo produto adicional gerado na economia, através das relações de insumo-produto (polarização técnica); c) pela expansão do emprego e da renda (polarização pelas rendas); e d) pela indução indireta, por meio da criação de uma “atmosfera favorável” (polarização psicológica e geográfica).

A polarização técnica ocorre pela difusão inter-setorial dos efeitos de encadeamento vertical e horizontal. Ou seja, acontece quando a indústria motriz, através de seus fluxos de

produto, induz o crescimento das demais indústrias a ela ligadas tecnologicamente, através de suas compras (encadeamentos a montante, para trás) e de suas vendas (encadeamentos a jusante, para frente).

A intensidade desses efeitos dependerá da magnitude dos índices de encadeamento e da existência, na região, de atividades satélites ou polarizadas, caso contrário esses efeitos vazarão para outras localidades (SOUZA, 2009).

Já a polarização pelas rendas é expressa pela geração de emprego e renda na economia local, advindas do funcionamento do polo e das atividades polarizadas. Os encadeamentos da produção resultam na diversificação industrial que impulsiona, em um segundo momento, a expansão das indústrias produtoras de bens de consumo final e do setor terciário (SOUZA, 1993).

A polarização psicológica existe quando as atividades do pólo geram um processo de imitação, ou seja, quando as decisões de investimentos das pequenas e médias empresas são determinadas pelo comportamento criativo das empresas motrizes (SOUZA, 2009).

A polarização geográfica evidencia-se pelo desenvolvimento de centros urbanos secundários, articulados aos centros principais. O crescimento dos centros principais atrai empresas que se instalam, também, em pólos secundários pela disponibilidade de terrenos mais baratos ou por incentivos fiscais.

A polarização técnica é o fenômeno mais importante na teoria dos pólos de crescimento. Tal importância advém da contribuição para a integração da economia local e também pelo fato de influenciar nas decisões de investimento por parte das empresas (SOUZA, 2009).

O surgimento de uma indústria motriz em um sítio e as economias externas que a acompanham, criam um ambiente favorável aos negócios que atraem as empresas para determinada localidade. Porém, se a polarização técnica não se caracterizar, a estrutura econômica local fica atrofiada, já que o progresso técnico alicerça-se na colaboração entre indústrias de diversos ramos.

Dessa forma, a polarização técnica representa o motor da diversificação local e dos efeitos benéficos desencadeados, também é ela que mais impulsiona o surgimento das demais formas de polarização.

## 1.2 O conceito de construção civil e sua relevância na criação de pólos de crescimento

Segundo Chaves (1986), em uma análise realizada na década de 1980, as atividades da indústria de construção podem ser classificadas a partir das etapas do processo produtivo, a saber: (1) obras de edificações – obras prediais, o conjunto habitacional e a construção industrial; (2) obras de construção pesada – rodovias, barragens, redes de esgotos, entre outros; (3) montagens industriais; e (4) serviços especiais e auxiliares – atividades que servem de base às categorias anteriores.

Numa perspectiva mais atual, por sua vez, a Fundação Getúlio Vargas (2005) defende que a atividade de construção civil propriamente dita engloba a preparação de terreno, a construção de edifícios e obras de engenharia civil, obras de acabamento, instalações, obras de infraestrutura para energia elétrica e de telecomunicações, construção por trabalhadores autônomos, aluguel de equipamentos de construção e demolição com operários. O macro setor da construção civil, além das atividades descritas acima, incorpora as atividades de fornecimento de matérias-primas, equipamentos para o processo construtivo, atividades imobiliárias, financiamento e manutenção imobiliária. (FGV, 2005).

Todavia, o IBGE (2007) discrimina essas mesmas atividades de forma mais rigorosa e detalhada. De acordo o instituto, o setor da construção possui três divisões: construções de edifícios, obras de infraestrutura e serviços especializados para construção. A construção de edifícios engloba a construção de edifícios de todos os tipos, sendo elas residenciais, comerciais, industriais, agropecuários e públicos, as reformas, manutenções correntes, complementações e alterações de imóveis, a montagem de estruturas de casas, abrigos e edifícios pré-fabricados.

Já as obras de infraestrutura se subdivide em auto-estradas, vias urbanas, pontes, túneis, ferrovias, metrô, pistas de aeroportos, portos e projetos de abastecimento de água, sistemas de irrigação, sistemas de esgoto, instalações industriais, redes de transporte por dutos (gasodutos, minerodutos, oleodutos) e linhas de eletricidade, instalações esportivas, as reformas, manutenções correntes, complementações e alterações de obras de infraestrutura.

Por fim, os serviços especializados para construção compreendem a execução de partes de edifícios ou obras de infraestrutura, tais como: a preparação do terreno para construção, a instalação de materiais e equipamentos necessários ao funcionamento do imóvel e as obras de acabamento. Em suma, as unidades classificadas nesta divisão são especializadas em um determinado tipo de serviço para a construção civil, comum a diferentes

tipos de estruturas e que requer a utilização de técnicas e equipamentos especiais para a sua execução (IBGE, 2007).

Vale se destacar ainda que, segundo a classificação do IBGE, estas três divisões se subdividem em nove grupos, vinte e uma classes e quarenta e sete subclasses, os quais não serão aqui detalhados por exigir um esforço que foge do objetivo do presente estudo. Todavia, nota-se que a essência dos três conceitos aqui apresentados é praticamente idêntica, sendo que a construção civil é constituída de atividades, tanto industriais, como de serviços e que exige diferentes tipos e graus do fator tecnologia.

Logo, a construção civil tem uma extensa e complexa cadeia produtiva, por isso exerce forte alavancagem econômica nos setores que lhe servem de fornecedores de insumo, sendo assim, importante indutora do crescimento para tais atividades. A transmissão de impulsos econômicos para outras atividades é medida pelos encadeamentos para trás (*backwardlinkages*) e para frente (*forwardlinkages*), quanto maiores forem esses índices, maior a alavancagem econômica exercida pela atividade.

Todavia, a infraestrutura local também exerce importante influência sobre a atratividade de empresas para determinada localidade e estas, por sua vez, influenciam em maior ou menor grau mercados externos e internos. Nessa perspectiva, destaca-se especialmente a indústria motriz que pode ser tida como capaz de exercer maior influência em determinada região, funcionando como agente dinamizador da economia local. Fica evidente, destarte, que a indústria da construção civil pode ser uma importante impulsionadora de pólos de crescimento.

## **CAPÍTULO 2 – O SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL NO BRASIL**

Este capítulo tem por objetivo apresentar a evolução do setor de construção civil brasileiro, relacionando-o com a teoria dos pólos de crescimento, apresentada anteriormente. Busca-se com isso, partir de uma ideia geral, a nível nacional, para o caso específico de Vitória da Conquista, que será discutido no próximo capítulo.

### **2.1 A evolução do setor da construção civil Brasileiro**

Existem poucos estudos no que se refere à formação do setor da indústria da construção no Brasil, por se tratar de uma reconstituição histórica de difícil compreensão. Segundo Chaves (1985), isso ocorre devido a falta de informações, pois o processo de

desenvolvimento do setor iniciou-se de forma reflexa em razão da natureza do produto e acompanhando as diferentes fases que sustentaram a economia do país.

Assim, na tentativa de compreender o desenvolvimento da construção civil a partir de elementos determinantes, se faz necessário uma forte relação entre os marcos do movimento geral da expansão capitalista no país e o trajeto feito pela atividade construtora no que se refere ao seu processo de formação e transformações enquanto organização produtiva

Chaves (1985) ressalta que foi apenas em 1808, com a abertura dos portos e a chegada da família real ao Brasil, que a atividade construtora sofreu grandes impactos, com a utilização de materiais importados em grande escala, em diversidade muito maior e pelo tipo de edificação produzida. A ação do estado no que diz respeito à atividade construtora, se torna agora mais visível e se traduz, na introdução do ensino formal de engenharia no país. Todavia, a presença dos oficiais estrangeiros não implicou na não-exploração da mão-de-obra escrava - ao que tudo indica, esta continua sendo o pilar do processo construtivo ao longo de todo o período que vai até a independência do Brasil (CHAVES, 1985).

A segunda fase do processo evolutivo da construção civil brasileira, por sua vez, inicia-se com o ciclo da expansão cafeeira. Chaves (1985) aponta que neste período, além do desenvolvimento da atividade cafeeira, teve início a expansão capitalista no país decorrente da “passagem do trabalho escravo para o assalariado, o movimento da imigração europeia, o crescimento da urbanização, o aumento dos investimentos estrangeiros no Brasil” (CHAVES, 1985, p. 85). Ou seja, ocorreram novas mudanças na atividade econômica e nas relações sociais e políticas.

Partindo do ponto de vista do mercado de obras, a demanda por equipamentos de infraestrutura que ajudariam no desenvolvimento das atividades produtivas, sobretudo do café, é um dos pontos mais importantes. Porém, não se pode deixar de ressaltar que o investimento em transporte ferroviário e portuário, foi, neste período, a maior e mais relevante fonte de demanda para a construção.

Além disso, outros fatores tiveram peso decisivo na evolução do setor, como, por exemplo: a implantação e desenvolvimento da energia elétrica no país, a construção de barragens contra a seca no Nordeste, o aumento substantivo do mercado de edificações e obras urbanas, os incrementos da atividade industrial e a imigração europeia que trouxe consigo o aumento da demanda de habitação popular nas cidades “industriais” (CHAVES, 1985).

A demanda e financiamento das obras ligadas à infraestrutura, por sua vez, era predominante da iniciativa privada e de origem estrangeira. O Estado nesse momento

confiava na garantia de juros, em se tratando da construção ferroviária. Porém, no início da segunda década desse século, o Estado começa a participar efetivamente do setor ferroviário, onde os eixos já estavam construídos (CHAVES, 1985).

Outro grande momento histórico de desenvolvimento do setor da construção civil brasileiro é o período de 1930 a 1955. Chaves (1985) divide este período em duas fases: uma que vai até meados dos anos 1940 e outra que iria daí até o marco mais importante da trajetória evolutiva da indústria da construção no Brasil, que é o chamado Programa de Metas.

Para a autora, a primeira fase é marcada pela ampliação do poder regulatório do Estado que atinge de forma determinante todas as instâncias da vida econômica. Além disso, a partir do ano de 1930, o setor ferroviário, acompanhou a estagnação da economia cafeeira, desacelerando rapidamente o crescimento da malha ferroviária. Já o setor de energia elétrica, após um aumento considerável nas três primeiras décadas da capacidade instalada e de localidades servidas, começa a vivenciar um quadro de crise, que se traduziu, por um lado, na redução do mercado para a construção e, por outro, no palco de uma importante disputa entre o capital estrangeiro e o Estado. As empresas de capital estrangeiro, que até então assumiam uma posição de grande importância, começam a perder essa participação no setor de energia elétrica e no transporte ferroviário - os dois elementos de maior demanda da época.

No período que se inicia em meados dos anos 1940, por sua vez, ocorreu um maior desenvolvimento do mercado habitacional. Isso foi viabilizado, pela crescente ação do Governo Vargas, por meio de linhas de financiamento dos Institutos e Caixas de Aposentadoria. Ademais, em 1946, é criada a Fundação da Casa Popular (FCP), que seria a primeira política pública concreta voltada para o atendimento das demandas de moradias por parte das populações de menor poder aquisitivo. Entretanto, o projeto da FCP não se viabiliza em termos das metas fixadas e o déficit habitacional do Brasil cresce nos anos seguintes nas grandes cidades (AZEVEDO E ANDRADE, 1982 apud CHAVES, 1985). E não deixando de citar outro indicador interessante na época, que foi a canalização de poupanças para a aplicação em imóveis (CHAVES, 1985).

Em consonância, a ação nuclear do Estado nesse período irá se consubstanciar no Programa de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961). Chaves (1985) cita um grupo de grande relevância para o plano: os setores de transporte e energia elétrica, em função das suas funções como fatores fundamentais do processo de implantação da grande indústria almejada. Ainda segundo a autora, é possível então diferenciar esse período do anterior pelo espaço do mercado que se abre e também pela existência de um programa de obras que abrange nacionalmente, garantindo uma maior continuidade no ritmo de atividade das

empresas e uma maior segurança em termos de desempenho. Pode-se então falar a partir desse período, explicitamente, de três segmentos da indústria da construção: a construção pesada, a montagem industrial e as edificações.

Chaves (1985) define que as metas de transporte rodoviário e energia do Programa de Metas constituíram o mercado para a construção pesada. Assim, as construtoras nacionais usufruíam de condições para se capitalizarem e se desenvolverem tecnologicamente, já que, executavam obras de porte muito maiores e mais complexas. Se tratando da montagem industrial, a autora afirma que existe uma ausência sobre literaturas que falem do assunto, porém, destaca alguns pilares - energia elétrica, petróleo e siderurgia - que também foi um dos objetivos do Programa de Metas. Há ainda uma questão importante a ser ressaltada, que é sobre a engenharia de projetos, diretamente ligada ao segmento de montagem, que teve de ser rapidamente vencida, “porquanto significava a conclusão do processo de domínio das atividades do subsetor” (CHAVES, 1985, p, 120).

E por fim, mas não menos importante, o subsetor de edificação, que durante o período anterior, estava atrelado ao processo de urbanização e consolidação das grandes metrópoles. Segundo Chaves (1985), já na década de 50, a questão habitacional se agravava e acontecia um retrocesso no dinamismo do segmento das edificações comparativamente ao decênio anterior. A Fundação João Pinheiro (1984) acrescenta a isso que o Programa de Metas não incluiu em seus propósitos a questão habitacional e define a construção de Brasília como um passo importante no subsetor de edificação e na utilização de tecnologias avançadas, se tornando também um marco.

Todavia, após um de seus mais notáveis períodos de expansão, proporcionado pela implementação do Programa de Metas, a economia brasileira, logo no início dos anos 1960, caminhava para uma fase recessiva, com a redução da produção industrial, aumento do desemprego e da dívida externa, o declínio da entrada do capital estrangeiro e um incontrolável processo inflacionário. Chaves (1985) afirma que, com a adoção de políticas monetária e creditícia mais liberais e a reorientação do déficit público, após 1967, essas reformas puderam viabilizar a retomada do crescimento econômico e também da atividade construtora. Com uma recuperação da capacidade de financiamento do Setor Público, a reestruturação administrativa e a consolidação das suas áreas de atuação, demonstraram a dependência da indústria da construção à política econômica, ao mesmo tempo em que se torna um elemento chave na economia.

A construção do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), no período, foi a primeira medida diretamente ligada ao subsetor de edificação, sendo, assim, o primeiro impulso

dinâmico proporcionado pelo Estado, uma vez que as medidas anteriores ou eram bastante acahadas ou não se materializaram. No período pós-1967, as grandes empreiteiras da construção pesada consolidam sua capacidade financeira, tecnológica e administrativa, sendo executado o projeto de investimento em energia elétrica, transporte e em dois novos setores, que seria o de comunicação e saneamento (CHAVES, 1985).

No subsetor de montagem industrial, no período de pós-67, foi também de sedimentação, as empresas que sobreviveram à crise de 64/67 tiveram oportunidade de participar do desenvolvimento, contando com ajuda da legislação, que instituiu a partir de 69 a limitação da atuação de empresas estrangeiras. Já no subsetor de edificação, o período de expansão pós-67 teve uma enorme repercussão, representou o alargamento do mercado e a sedimentação da classe média brasileira. Com a queda da bolsa de valores em 1972, muitos efeitos positivos ficaram evidentes sobre a demanda por edificações e o desempenho do subsetor, provocando inclusive no final de 1973 uma escassez de materiais e de mão-de-obra (CHAVES, 1985).

Vale destacar ainda, no que se refere à ação do Estado que, segundo Shimbo (2010), a política habitacional do Banco Nacional de Habitação (BNH, 1964-1985) se segmentava a partir dos níveis de renda familiar, assim dividida: a população com a renda superior a seis salários mínimos fazia parte do mercado que era de responsabilidade privada, atuando sem intervenção direta das agências estatais e era financiada pelo Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE); enquanto que os que detinham renda inferior a essa, o agente promotor específico era essencialmente público, centralizado no BNH e nas Companhias Habitacionais (COHABs) financiada com o FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). A representação do setor privado nessa fatia de mercado destinava-se apenas para a construção em si, já que todas as outras fases eram promovidas de forma centralizada por agências do Estado.

Todavia, com a desmontagem do Banco Nacional de Habitação – BNH em meados de 1980, houve uma retração da participação do Estado, afetando principalmente as COHABs, e permitindo a entrada dos agentes privados com participação direta e significativa. Para Arretche (1990 apud SHIMBO, 2010), essa realidade só veio a mudar com a introdução dos princípios de mercado na provisão de habitação em 1995 com o governo de Fernando Henrique Cardoso. Esse novo "projeto" buscava, além da descentralização da alocação dos recursos federais, a inserção de uma política de crédito para diferentes classes sociais e o fortalecimento da atuação do setor privado. Ademais, no período FHC teve destaque o Programa Carta de Crédito que buscava atender principalmente o público com renda mais

baixas tornando-se o principal instrumento de financiamento para os setores de renda média desde 1990 até a atualidade.

Tal modelo de política foi aperfeiçoado na gestão de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), que tinha a questão habitacional como um dos pilares de seu governo. O Programa Minha Casa, Minha Vida foi criado visando atender, por um lado, ao imperativo econômico, com a geração de novos empregos no setor da construção; e social, por outro, com a provisão de moradias para as classes mais baixas (SHIMBO, 2010).

Além disso, foi nessa fase que houve uma aproximação efetiva entre capital financeiro e setor imobiliário no Brasil. Para Shimbo (2010), tal aproximação se potencializou durante 2005 a 2010, através da abertura de capital de empresas construtoras e incorporadoras na Bolsa de Valores. Com isso, efetivou-se a “financeirização do imobiliário”, ou seja, aconteceu de forma efetiva a aproximação do capital financeiro e do setor imobiliário. A partir de 2006 houve também no Brasil um crescimento exponencial e a consolidação do mercado imobiliário, levando a concentração de capital e crescimento das grandes empresas do setor da construção civil<sup>1</sup>.

Assim, apesar de breve, a presente análise histórica evidencia uma intrínseca relação entre a construção civil, o Estado e o crescimento econômico do país. Isso porque, da mesma forma que a indústria da construção brasileira se mostrou dependente de políticas públicas, ela também apareceu como peça fundamental para a economia. Logo, no caso do Brasil, o setor da construção civil deve ser estimulado visando desenvolver pólos de crescimento e o conseqüente crescimento econômico do país como um todo. Partindo disso, na próxima seção serão apresentados dados da atual conjuntura do setor da construção civil brasileiro, desencadeado desse processo histórico.

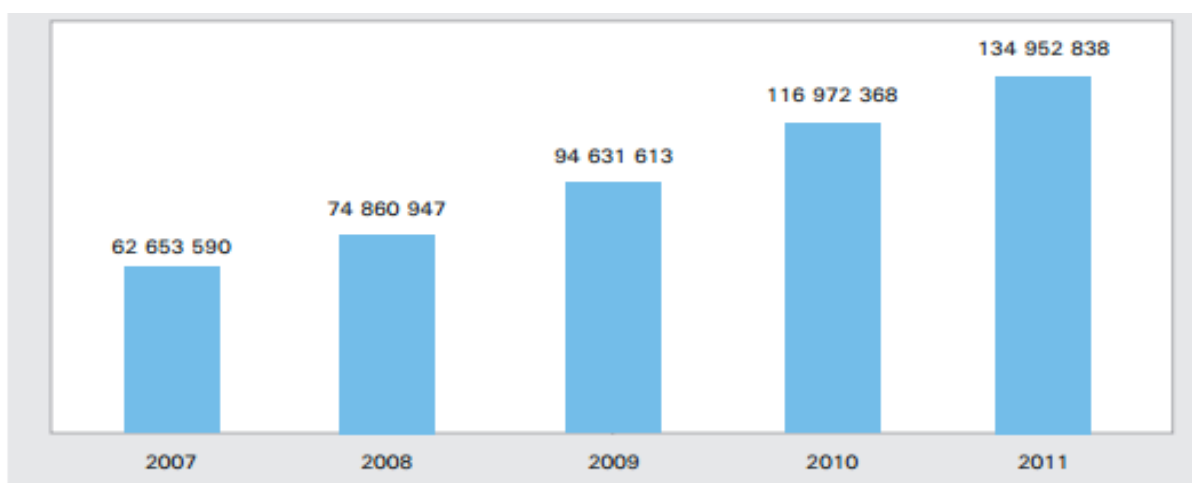
## **2.2 O perfil do setor da construção civil brasileiro atual**

A construção civil é hoje uma das atividades de maior impacto na economia brasileira. Segundo a Pesquisa Anual da Indústria da Construção (PAIC), realizada pelo IBGE em 2011, houve um crescimento superior a 105,9% no valor adicionado da atividade de construção no Brasil entre os anos de 2007 e 2011, como pode ser observado na Figura 1 abaixo.

---

<sup>1</sup>Segundo Shimbo (2010), entre 1980 e 2006 houve uma redução no número de empresas de aproximadamente de 11%, enquanto que o número de pessoal ocupado esteve em uma crescente de 5,4%, números estes que denotam a tendência de crescimento do setor da construção civil, concentrando-se em um número reduzido de empresas.

**Gráfico 1 – Valor adicionado da atividade construção no Brasil de 2007-2011**



Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2007-2011.

A divisão que mais contribuiu para o valor adicionado da atividade da construção foi as obras de infraestrutura - com 41% em 2007 e 41,3% em 2011-, seguida da construção de edifícios – com 39,2% em 2007 e 37,4% em 2011. Apesar da menor contribuição, os serviços especializados para construção, foi o que mais ganhou participação - 19,2%, em 2007 e 21,3% em 2011 (IBGE, 2011).

Vale destacar que esse acúmulo sucessivo de taxas de crescimento vem ocorrendo mesmo com a economia passando por uma crise internacional entre o último trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009. Isso se deve às medidas anticíclicas adotadas pelo governo brasileiro, como a desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) nos materiais de construção, o aumento dos desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a expansão do crédito imobiliário, o investimento em programas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Programa Minha Casa Minha Vida, entre outras (IBGE, 2011).

Assim, a construção civil no Brasil tem apresentado alto índice desencadeante tanto para trás, efeito a montante, quanto para frente, efeito a jusante. Segundo a FGV (2005) o índice de ligação para trás da construção civil é de ordem de 1,115. Isso significa que o acréscimo de R\$ 1,00 (um real) na produção do setor desencadeia um acréscimo de R\$ 1,11 (um real e onze centavos) nos seus fornecedores de insumos. Esse índice coloca a construção civil como setor-chave na economia brasileira, proporcionando um aumento das vendas em outros setores maior que o aumento nas suas próprias vendas, e que só fica atrás do setor de siderurgia (1,137) e outros metalúrgicos (1,149).

Outros dados que demonstram a importância da construção civil são os coeficientes de renda e emprego. Segundo dados da FGV (2008 *apud* CBIC, s/d) a construção civil apresentou em 2008 um coeficiente de renda de 902, isso quer dizer que a cada R\$ 1.000,00 de consumo em produtos do setor é gerado uma renda de R\$ 902,00. Quanto ao coeficiente de emprego, verificou-se um valor de 39,07, ou seja, a cada R\$ 1 milhão de consumo de produtos do setor são gerados quase 40 empregos.

Ademais, o setor de construção civil aparece como sexto lugar no ranking dos setores geradores de emprego direto e indireto, e na quarta posição na geração de empregos totais (TEIXEIRA E CARVALHO, 2005). Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (s/d) para cada 100 postos de trabalho gerado diretamente no setor, outros 285 são criados indiretamente na economia. Por sua vez, no que se refere à participação do pessoal ocupado e o valor das incorporações, obras e serviços da construção em 2011, segundo as Grandes Regiões, constata-se que a Região Sudeste é a que detém a maior participação. Isso pode ser observado na Tabela 2 a seguir.

**Tabela 1 - Pessoal ocupado e valor corrente das incorporações, obras e/ou serviços da indústria da construção, segundo as Grandes Regiões - 2007/2011**

Grandes Regiões	Pessoal ocupado				Valor das incorporações, obras e serviços da indústria da construção			
	2007		2011		2007		2011	
	Total absoluto em 31/12	Participação percentual (%)	Total absoluto em 31/12	Participação percentual (%)	Valor (1 000 R\$)	Participação percentual (%)	Valor (1 000 R\$)	Participação percentual (%)
<b>Brasil</b>	<b>1 575 883</b>	<b>100,0</b>	<b>2 668 696</b>	<b>100,0</b>	<b>130 093 495</b>	<b>100,0</b>	<b>286 569 961</b>	<b>100,0</b>
Norte	66 788	4,2	109 114	4,1	4 506 404	3,5	9 116 998	3,2
Nordeste	267 888	17,0	533 598	20,0	15 269 668	11,7	39 353 700	13,7
Sudeste	917 951	58,3	1 466 311	54,9	85 548 467	65,8	180 284 434	62,9
Sul	209 947	13,3	355 453	13,3	15 986 172	12,3	36 006 349	12,6
Centro-Oeste	113 308	7,2	204 220	7,7	8 782 783	6,8	21 808 480	7,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2007/2011

Portanto, mesmo com a liderança do Sudeste, foi o Nordeste, onde se insere o município de Vitória da Conquista, a região com maior destaque de 2007 para 2011 na participação do pessoal ocupado e no valor das incorporações, obras e serviços da construção. Dentre as obras de grande porte realizadas na região, que contribuem para tal desempenho, destacam-se a transposição do Rio São Francisco, as obras nos complexos portuários de

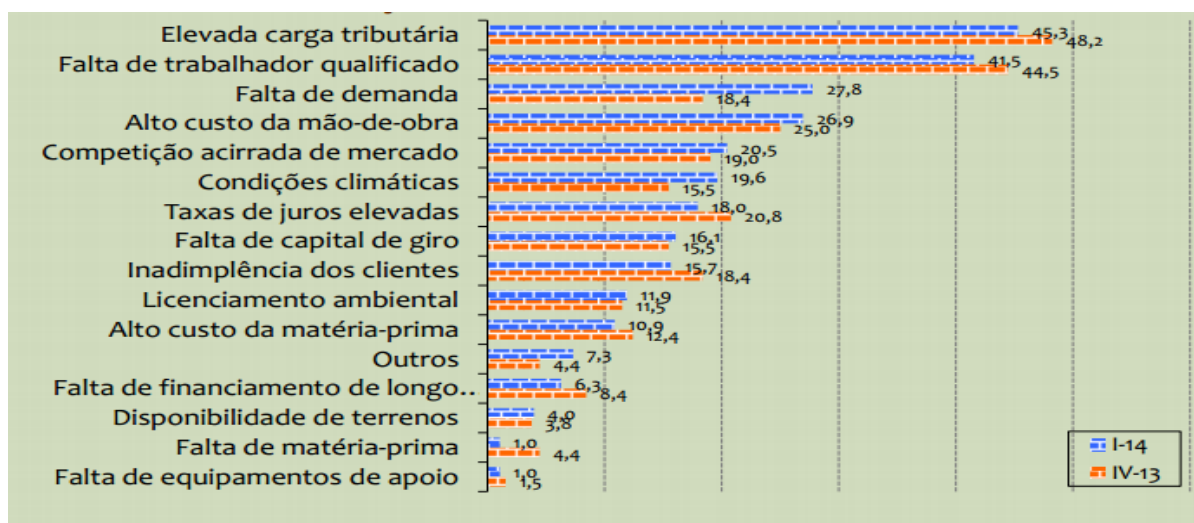
Suaape (PE), Pacém (CE) e Itaqui (MA), A Refinaria Abreu e LIMA(PE), e as Ferrovias Transnordestinas e Leste-Oeste.

Esses dados demonstram que, além da importância econômica, a atividade da construção civil tem relevante papel social, particularmente em função de dois aspectos: geração de empregos e diminuição do elevado déficit habitacional do país, que é estimado em 5,5 milhões de unidades (BRASIL, 2011).

Entretanto, muito ainda precisa ser melhorado para que os efeitos desencadeantes do setor da construção civil tenham um alcance melhor. Segundo Monteiro Filha et al (2011), a participação do setor de construção civil na formação bruta de capital fixo brasileira está em 5,2 pontos percentuais abaixo da média mundial. Os autores citam que os principais desafios da indústria de construção do Brasil dizem respeito à tecnologia, aos financiamentos e à concorrência internacional. Dentre estes, eles destacam o desenvolvimento de processos de inovação na cadeia produtiva da construção civil, o qual é complexo e precisa ser solucionado para finalmente eliminar o déficit habitacional e de infraestrutura no país.

Vale acrescentar a isso o resultado de uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) que visa acompanhar o desempenho da indústria brasileira e identifica as perspectivas dos empresários. Os dados estão apresentados no Gráfico 2 abaixo, que mostra os principais problemas enfrentados pela indústria de construção, segundo a opinião dos empresários.

**Gráfico 2 – Principais problemas da indústria de construção brasileira – 2009**



Fonte: CNI (2014 apud CBIC 2014)

Assim, a elevada carga tributária e a falta de trabalhador qualificado são os dois principais problemas do setor da construção civil no Brasil. Fica evidente, dessa forma, a necessidade de se estreitar ainda mais a relação indústria da construção e Estado, para que os efeitos dinamizadores do setor de construção civil sejam mais eficientes para o pólo de crescimento.

### **CAPITULO 3 - CONSTRUÇÃO CIVIL E A TEORIA DOS PÓLOS DE CRESCIMENTO**

Este capítulo utiliza dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, que comprovam a evolução do setor da construção civil no Brasil, na Bahia e em Vitória da Conquista, mostrando a geração de novos empregos que surgem a partir do crescimento desse segmento e fazendo ainda um comparativo com outros setores da econômica, concluindo assim o segmento como uma indústria motriz.

#### **3.1 A polarização técnica**

A indústria da construção civil vem apresentando um crescimento maior que os outros setores da economia do Brasil e, principalmente, da Bahia. No ano de 2008 o PIB nacional cresceu 5,1% e o da Bahia 4,8%; enquanto isso, a construção civil cresceu 8% e 8,4% no Brasil e na Bahia, respectivamente. No ano de 2009, enquanto a economia do país apresentou uma diminuição de 0,2%, a economia da Bahia apresentou um crescimento de 1,70% e a construção civil baiana cresceu 8,10%.

Em Vitória da Conquista, a construção civil também vem apresentando um crescimento maior que o dos outros setores, já que o emprego na construção civil no ano de 2000 era de 1.035 empregados, em dezembro de 2010 esse número foi para 4.051, um crescimento de mais de 290%, enquanto os postos de emprego em toda a economia municipal cresceram de 27.278 para 56.443 no mesmo período, um aumento de 100,7% (RAIS-MTE, 2011).

Esses dados mostram que a indústria de construção civil, no Brasil e em Vitória da Conquista, cresce mais que os outros setores econômicos, fato que caracteriza a construção civil como uma indústria motriz.

A construção civil, também, é uma das atividades de maior impacto na economia brasileira, uma vez que ela apresenta alto índice desencadeante tanto para trás, efeito a

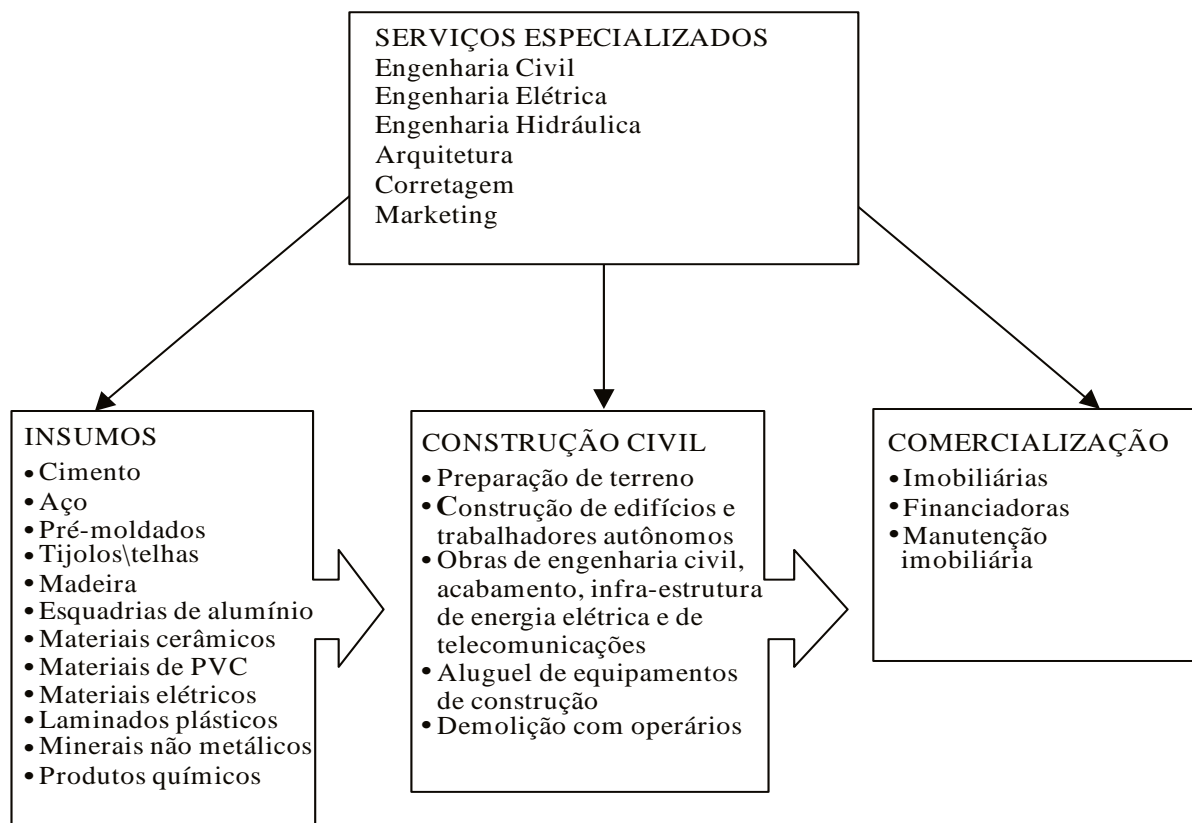
montante, que no Brasil apresenta um índice de 1,115, quanto para frente, efeito a jusante, com índice de 0,795 (TEIXEIRA E CARVALHO, 2005).

Outros dados que demonstram a importância da construção civil são os coeficientes de renda e emprego. Segundo dados da FGV (2008 *apud* CBIC, s/d) a construção civil apresentou em 2008 um coeficiente de renda de 902, isso quer dizer que a cada R\$ 1.000,00 de consumo em produtos do setor é gerado uma renda de R\$ 902,00. Quanto ao coeficiente de emprego, verificou-se um valor de 39,07, isso quer dizer que a cada R\$ 1 milhão de consumo de produtos do setor são gerados quase 40 empregos.

Esses dados mostram que a construção civil é uma indústria-chave, pois ela proporciona um aumento das vendas em outros setores maior que o aumento nas suas próprias vendas.

Esse fato pode ser visualizado na Figura 1 que mostra a cadeia produtiva da construção civil em Vitória da Conquista. Verifica-se a difusão intersetorial e dos efeitos de encadeamentos para trás e para frente da construção civil, fato que conforme Paelinck (1977) caracteriza uma polarização técnica.

**Figura 1 – Cadeia Produtiva da Construção Civil em Vitória da Conquista**



Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.

A polarização técnica é a mais importante e proporciona o aparecimento das outras formas de polarização como pelas rendas, psicológica e geográfica. No entanto, a polarização técnica da construção civil em Vitória da Conquista mostrou-se deficiente, como é possível observar na Figura 2 – Detalhamento da cadeia produtiva da construção civil de Vitória da Conquista

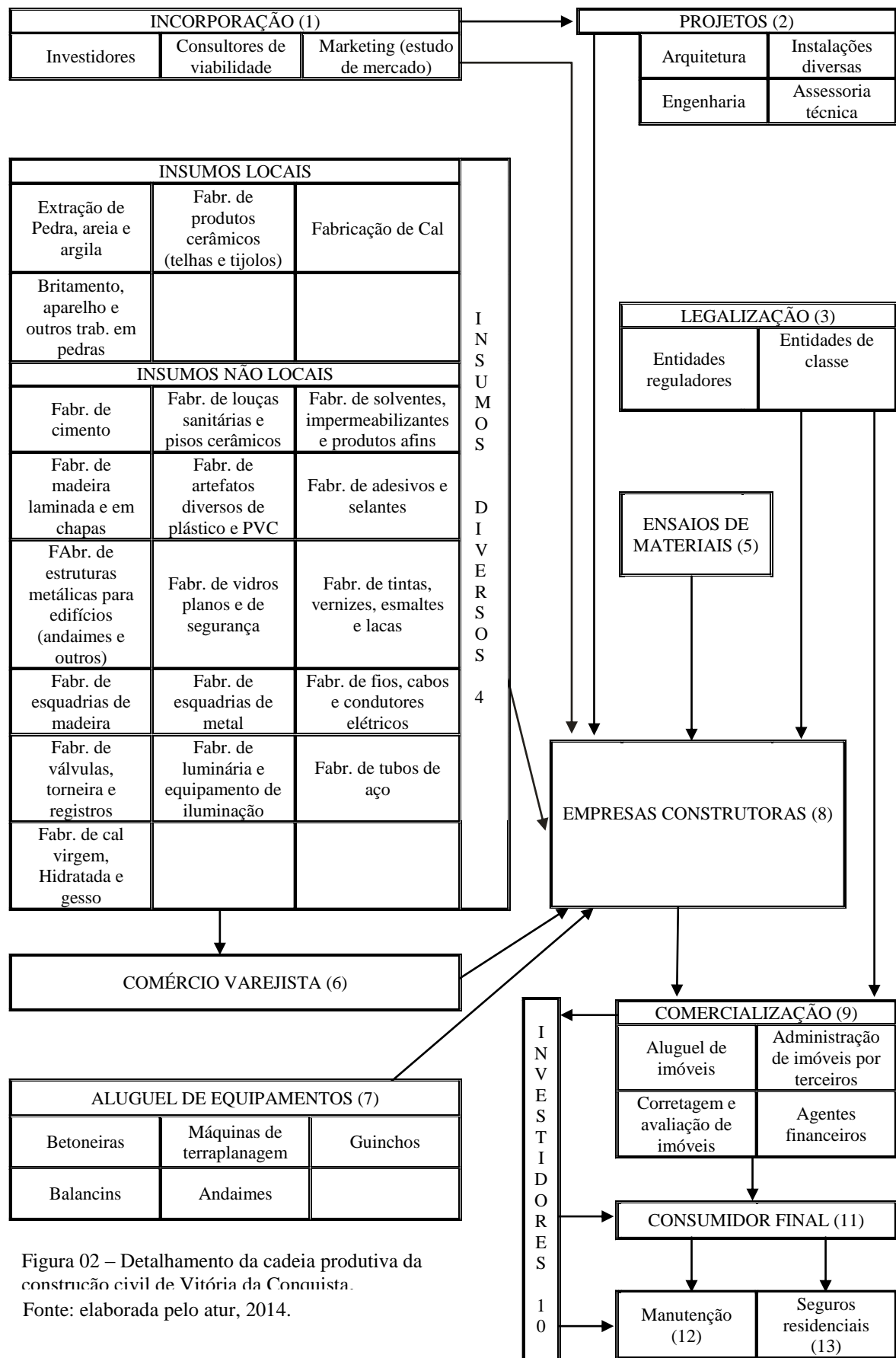


Figura 02 – Detalhamento da cadeia produtiva da construção civil de Vitória da Conquista.

Fonte: elaborada pelo autor, 2014.

Na pesquisa de campo verificou-se que a maior parte, aproximadamente 87%, dos materiais utilizados na construção civil são adquiridos ou fabricados em outras localidades, ou melhor, importados. Conforme a Figura 02 pode-se visualizar que da cadeia produtiva da construção civil de Vitória da Conquista só a areia, os tijolos e a cal são fabricados internamente.

Quanto à procedência das matérias-primas, como foi visto acima, as empresas utilizam, em sua grande parte, os insumos que são fabricados em outras cidades, como Salvador e, principalmente cidades de Minas Gerais e São Paulo. As únicas matérias-primas utilizadas na construção civil que são de origem local (areia, tijolos ou bloco e a cal) são os insumos mais simples e que menos tecnologia agrega no processo de fabricação.

A polarização técnica da construção civil em Vitória da Conquista é restringida pela procedência dos equipamentos utilizados. Verificou-se com a pesquisa que todos os equipamentos utilizados - betoneiras, máquinas de terraplanagem, guinchos, andaimes e balancins, são fabricados em outras localidades, em Vitória da Conquista e mesmo na região sudoeste não existe nenhuma empresa de fabricação de equipamentos para a construção civil. Em decorrência, alguns equipamentos são até alugados de empresas estabelecidas no município, mas o desenvolvimento e fabricação deles são feitos em outras regiões.

Desta forma, ao somar os valores dos materiais que são utilizados na construção civil, que são produzidos internamente e os gastos com a mão-de-obra que corresponde a aproximadamente 30% dos custos de uma unidade habitacional, percebe-se que, dos gastos na construção de unidades habitacionais em Vitória da Conquista, menos de 50% dos valores ficam na economia local. Esse valor mostra que o impacto financeiro da construção civil é mais representativo fora da economia local.

Outra questão que limita a polarização técnica da construção civil é que não existe em Vitória da Conquista investimento, por parte das empresas de construção habitacional, em pesquisa e aprendizado, apesar das empresas acreditarem que a inovação de produtos, serviços e outros aspectos da organização sejam um fator fundamental de diferencial de competitividade.

Quanto às principais fontes de informação e/ou conhecimento especializados que as empresas utilizam, verificou-se que a maioria das fontes dessas informações e conhecimento não são internas ao município. Uma fonte de fundamental importância e de baixo custo para as empresas constitui-se nas Universidades e centros de pesquisa, porém essa fonte de informações e conhecimento ainda não é utilizada pelas empresas de construção civil em Vitória da Conquista.

Os principais meios utilizados pelas empresas para obterem conhecimento e novas informações são as experiências anteriores da equipe, publicações especializadas e troca de informações com empresas (cliente e fornecedores), no entanto as empresas que utilizam dessas fontes colhem as informações fora do município.

Essas informações indicam que as empresas de construção civil de Vitória da Conquista não privilegiam ou não conseguem ter relações de proximidade com entes locais na aquisição de conhecimento especializado. Isso implica em busca de informações e de conhecimento em fontes exteriores ao município, cujo acesso é, muitas vezes, mais difícil e mais oneroso para as empresas, uma vez que eles têm que ser adquiridos em outras localidades o que dificulta a participação das empresas em redes de cooperação e parceria.

Devido à fraca polarização técnica, também não há polarização geográfica e psicológica, uma vez que não se observa em Vitória da Conquista e nas cidades vizinhas a instalação de empresas para fornecimento de insumos ou equipamentos utilizados pelo setor de construção civil. Assim, não é possível falar em pólos secundários, nem em complexo industrial.

Também de grande importância é pontuar que a concorrência entre as empresas de construção de unidades habitacionais não se verifica pela inovação de produtos e sim pelo custo. Esse fato é evidenciado por ser o baixo custo da mão-de-obra uma das maiores vantagens locais existentes no sítio e pelo tipo de imóveis, principalmente de edifícios, que têm sido construídos em Vitória da Conquista, pois a arquitetura é relativamente simples e sem inovação para que o custo da construção não se eleve.

Além disso, tais construções são feitas na forma de murais, nas quais as paredes dos primeiros apartamentos servem de apoio ou alicerce para os de andares superiores, fato que diminui o custo da construção, mas que compromete a segurança de todo o edifício.

### **3.2 A polarização por rendas**

A única forma de polarização que pode ser observada em Vitória da Conquista foi a polarização pelas rendas. Analisando a média dos salários do setor, a massa salarial paga e o número de empregos gerados, em comparação aos números de toda a economia, percebe-se que a construção civil vem se tornando um setor dos mais importantes.

A importância da construção civil para a economia local é evidenciada pela evolução dos seus números. Em 2010, de acordo com a Tabela 01, a construção civil apresentou um dos piores salários na economia de Vitória da Conquista. Com uma remuneração mensal média de

R\$ 821,26, a construção civil foi o quinto setor em termos salariais, ficando abaixo da remuneração média da economia local que era de R\$ 905,88 e representava menos da metade do valor apresentado pelos serviços industriais de utilidade pública que era de R\$ 1.661,40 a maior média salarial da economia de Vitória da Conquista.

**Tabela 2 - Remuneração média de empregos formais de Vitória da Conquista no ano de 2010 (em R\$)**

<b>SETORES ECONÔMICOS</b>	
Extrativa mineral	1.245,99
Indústria de Transformação	710,97
Serviços industriais de utilidade pública	1.661,40
Construção civil	821,26
Comércio	756,88
Serviços	1.323,36
Administração pública	1.220,40
Agropecuária	570,12

Fonte: RAIS-MTE (2014)

Dois anos após, em 2012, os valores referentes aos salários dos trabalhadores da construção civil em Vitória da Conquista apresentam grande evolução. A média salarial do setor passa para R\$ 1.907,78 mensais, um crescimento de 132,3%, o maior entre todos os setores, como podemos observar na Tabela 02.

**Tabela 3 - Remuneração média de empregos formais de Vitória da Conquista no ano de 2012 (em R\$)**

<b>SETORES ECONÔMICOS</b>	
Extrativa mineral	1.833,83
Indústria de Transformação	874,57
Serviços industriais de utilidade pública	1.982,27
Construção civil	1.907,78
Comércio	921,51
Serviços	1.218,65
Administração pública	1.525,14
Agropecuária	682,09

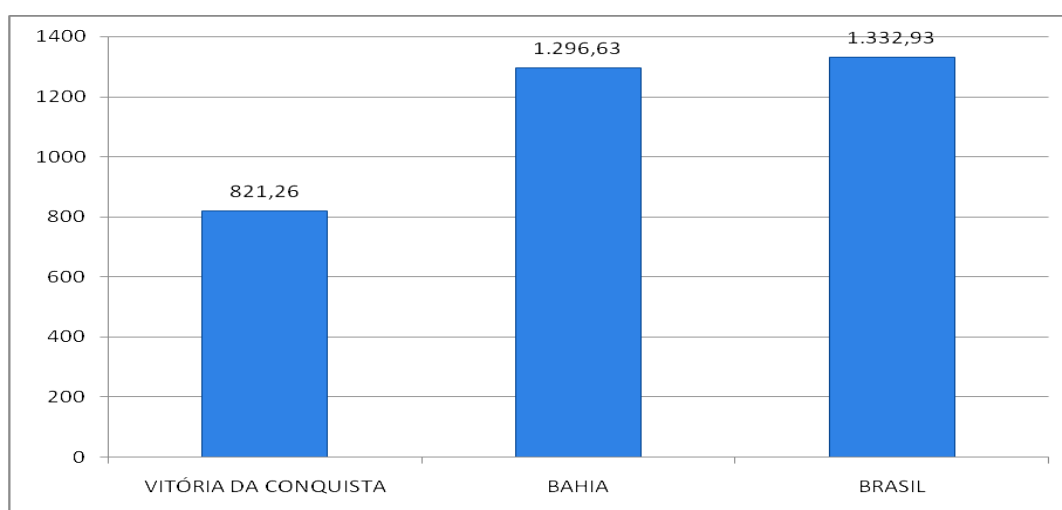
Fonte: RAIS-MTE (2014)

O setor da construção civil passa, em 2012, a pagar o segundo maior salário da economia local, ficando atrás somente do setor de serviços industriais de utilidade pública. Porém, a diferença observada entre os setores diminui muito, em 2010 era mais que o dobro e em 2012 era de cerca de 4% apenas.

A evolução salarial do setor da construção civil em Vitória da Conquista também pode ser observada se comparada aos salários pagos pela construção civil na Bahia e no Brasil.

De acordo com o Gráfico 01, é possível inferir que a remuneração média da construção civil na cidade, em 2010, era muito inferior dos valores médios apresentados pela a Bahia (R\$1.296,63), o que representa cerca de 57% a menor, e pelo o Brasil (R\$ 1.332,93) o que representa 62% a menor.

**Gráfico 3 – Remuneração média paga pela construção civil em Vitória da Conquista, Bahia e Brasil em 2010.**

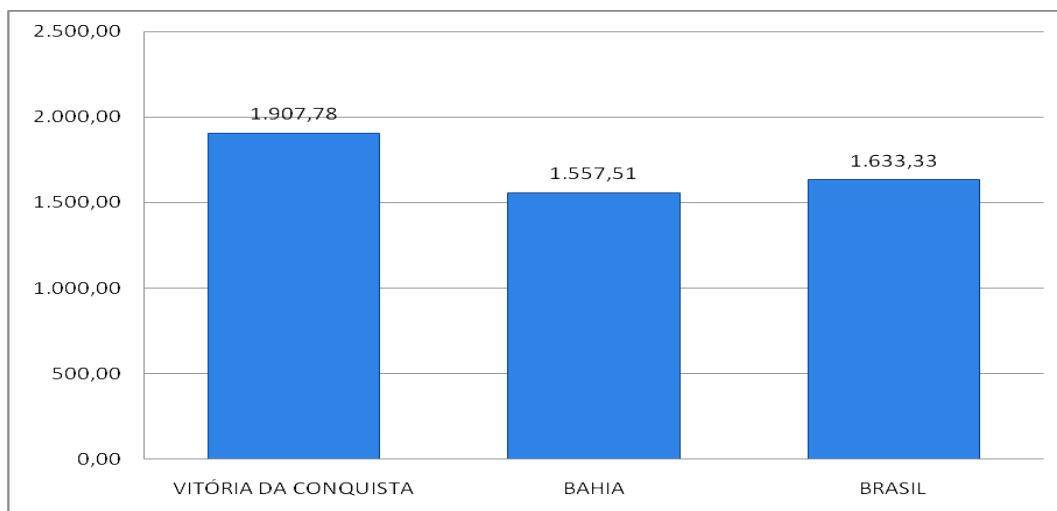


Fonte: RAIS – MTE (2014)

No ano de 2012, apenas dois anos depois, a remuneração do setor de construção civil em Vitória da Conquista apresenta-se com maior que a do estado da Bahia e a do Brasil. Como podemos verificar no Gráfico 02, os salários médios da construção civil em Vitória da Conquista, no ano de 2012, era 22,5% maior que a remuneração média apresentada pela Bahia.

Em comparação ao Brasil, os salários médios em Vitória da Conquista foram 16,8% maior. Esses dados mostram que a remuneração da construção civil na cidade não apresentou crescimento somente entre os setores internos, mas que cresceu em comparação a Bahia e ao Brasil.

**Gráfico 4 – Remuneração média paga pela construção civil em Vitória da Conquista, Bahia e Brasil em 2012.**

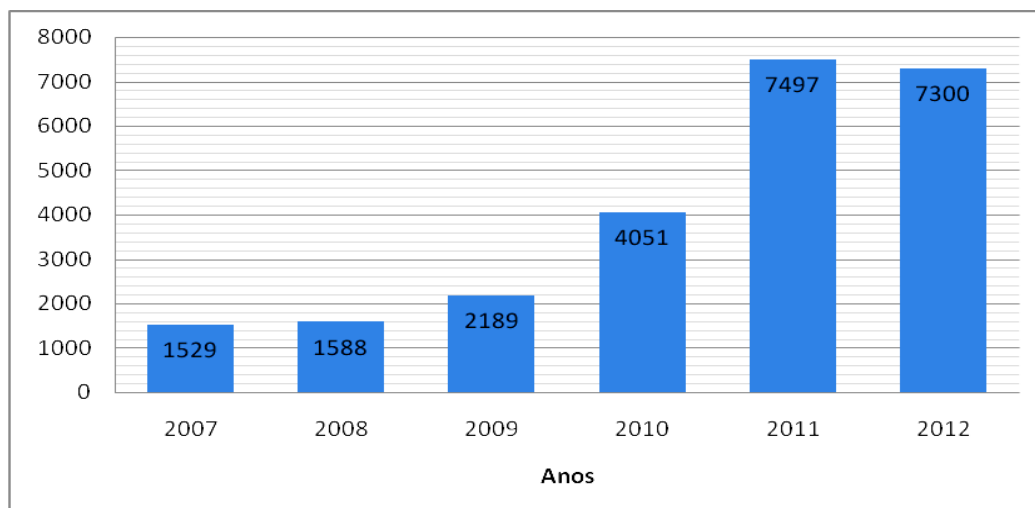


Fonte: RAIS – MTE (2014)

Não foi apenas o crescimento dos salários no setor da construção civil que apresentou grande evolução em Vitória da Conquista. O crescimento do número de empregos gerados também apresentou grande evolução.

Como podemos verificar no Gráfico 03, o número de empregos gerados pela construção civil em Vitória da Conquista no ano de 2007 foi de 1.529, no ano de 2012, esse número foi de 7.300 postos de empregos. Um crescimento de 377% em cinco anos, no mesmo período o número total de empregos na cidade cresceu 47%, passando de 44.245 para 65.178.

**Gráfico 5 – Quantidade de empregos formais gerados pela Construção Civil em Vitória da Conquista.**



Fonte: RAIS – MTE (2014)

Outro aspecto que merece ser pontuado é o fato de que a proporcionalidade entre a quantidade de postos de empregos gerados pela construção civil na cidade e a quantidade de salários pagos também apresentou grande avanço. Como mostra a Tabela 03, no ano de 2008 a construção civil respondeu por 3,53% dos empregos da economia municipal, no entanto só foi responsável por, aproximadamente, 2,71% dos rendimentos da economia local.

**Tabela 4 – Relação entre a quantidade de posto de empregos gerados e massa salarial paga pela construção civil e total dos postos de emprego gerados e total dos salários pagos em Vitória da Conquista nos anos de 2008, 2010 e 2012.**

	2008	2010	2012
Proporção dos empregos gerados	3,53	7,17	11,20
Proporção da massa salarial	2,71	5,83	17,71

Fonte: RAIS – MTE (2014)

No ano de 2012, observou-se números significativos, a construção civil respondeu por 11,20% de todos os empregos gerados em Vitória da Conquista. No entanto, respondeu por 17,71% da massa salarial da economia local no mesmo ano. Sinal que a remuneração do setor apresenta taxas de crescimento maior que a de números de empregos gerados.

Todo esse crescimento fez com que a construção civil fosse responsável pela injeção de R\$ 181.048.051,34, através dos salários pagos aos empregados do setor, na economia local no ano de 2012. Esse valor tem grande influencia na dinamização da economia local, fazendo com que o setor da construção civil seja embrionário na formação de um pólo de crescimento.

## CONCLUSÃO

Com o intuito de resgatar as principais conclusões e os aspectos de grande relevância ao longo do trabalho, o primeiro ponto a ser ressaltado é a relação entre a teoria de pólos de crescimento e o setor da construção civil, fazendo uma abordagem sobre a relevância da indústria da construção civil para a formação desses pólos de crescimento, no segundo momento realizou-se uma reconstituição histórica da formação do setor da construção, mostrando assim o caminho percorrido pela atividade construtora e por fim um comparativo do Brasil, Bahia e Vitória da Conquista sobre a polarização técnica, polarização de renda, polarização geográfica e polarização psicológica.

Evidentemente, este trabalho não teve o propósito de solucionar os problemas acima, mas sim de construir um perfil sobre o assunto em questão, através de diversas fontes utilizadas e principalmente, de informações qualitativas obtidas através da aplicação de questionários, que possibilitou conhecer melhor o universo estudado. Procurou-se dividir o trabalho em três capítulos, podendo perceber que cada um deles apresenta particularidades com relação ao tema e ao tipo de demanda.

No primeiro capítulo buscou-se verificar a relação entre as teorias dos pólos de crescimento e o setor da construção civil, onde foi possível trazer diversos conceitos, Perroux que foi o precursor dessa teoria é um dos que merece grande ênfase, quando definia que o crescimento econômico não era distribuído da mesma forma entre setores e territórios, divergindo da ideia Neoclássica, que não considerava o território, defendia ainda o crescimento equilibrado e tinha como suposição uma concorrência perfeita e o não progresso técnico.

Para iniciar o processo de surgimento de um pólo de crescimento é necessária a existência de uma indústria motriz, que exercerá maior influência em determinada região, sendo um agente dinamizador da economia local. Para alcançar esse objetivo, a indústria da construção civil se torna uma importante impulsionadora, já que tem uma extensa e complexa cadeia produtiva, exercendo forte alavancagem econômica nos setores que lhe servem de fornecedores de insumo, sendo assim, importante indutora do crescimento para tais atividade.

Conforme observado no capítulo 2, foi realizada uma retrospectiva histórica do setor da construção civil, e foi possível destacar como um dos marcos mais importantes no desenvolvimento da construção, a implantação definitiva do capitalismo industrial no Brasil, através do Programa de Metas, que iniciou em meados dos anos 40, sendo um momento de significativas mudanças vividas pelo setor em relação ao seu desempenho e a organização.

Ainda durante esse período que a Construção começou a assumir os principais traços da atual configuração, tendo a predominância do capital privado nacional, o papel determinante do Estado no comportamento da demanda e a importância setorial na geração de emprego e renda no País como destaques. Ainda nessa época se consolidou a divisão do mercado entre grupos distintos de empresas, possibilitando a segmentação do setor em quatro subsetores: edificação, construção pesada, montagem industrial e serviços especiais e auxiliares.

O movimento expansionista em curso desde os anos 40 sofre uma interrupção no primeiro quinquênio dos anos 60 em decorrência da crise geral da economia, pelas mudanças políticas institucionais e pela política de estabilização implementada de 1964 a 1967, essas reformas aliadas ao abandono daquelas medidas contracionistas, na medida em que significaram o equacionamento dos problemas financeiros e a elevação da capacidade de investimento do Estado, determinaram a retomada da atividade construtora numa escala crescente. Naquelas mudanças e com os objetivos da política econômica perseguidos, estavam as condições concretas para que se assistisse, nos anos 70, a um duplo "boom": o do investimento público e o do mercado habitacional. Ao lado disto, acrescentou-se também o "boom" do mercado externo de engenharia do qual puderam se beneficiar as já grandes empresas do setor.

Considerado como um período decisivo também por permitir que a Indústria da Construção consolidasse os principais traços de sua estrutura atual, em meados de 1980 aconteceu a desmontagem do BNB, com uma retração da participação do Estado, afetando diretamente as COHABs, permitindo ainda a entrada dos agentes privados com participação direta e significativa. Em 1995, com o Governo de FHC, essa realidade muda, pois é inserido os princípios de mercado na provisão de habitação, destaque para o Programa Carta de Crédito que atendia principalmente o público com renda mais baixas e até a atualidade é considerado o principal instrumento de financiamento.

Já no Governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), tal modelo de política foi aperfeiçoado e tinha a questão habitacional como um dos pilares de seu governo, com o Programa Minha Casa, Minha Vida que foi criado para atender, por um lado, o aspecto econômico, com a geração de novos empregos no setor da construção e no social, por outro, com moradias para as classes mais baixas.

Durante toda a análise histórica, identificou-se que a Construção tem permanecido como um setor em que o acompanhamento de seu desempenho e análises sobre as suas características estruturais são limitados pela inexistência de informações estatísticas

consistentes e sistematizadas pela escassez de fontes atuais principalmente se tratando do estado da Bahia e do município de Vitória da Conquista. Devido a essa falta de informações relacionadas à construção civil fica a sugestão para os trabalhos posteriores relacionados ao tema.

Por fim no capítulo 3, averiguou-se que a construção civil em Vitória da Conquista se caracteriza como pólo de crescimento através da pesquisa aplicada e dos dados encontrados por meio do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, que comprovam a evolução do setor da construção civil no Brasil, na Bahia e em Vitória da Conquista, mostrando a geração de novos empregos que surgem a partir do crescimento desse segmento e fazendo ainda um comparativo com outros setores da econômica, concluindo assim o segmento como uma indústria motriz.

Diante dos estudos realizados, foi possível identificar que em 2010, a construção civil apresentou um dos piores salários na economia de Vitória da Conquista, com uma remuneração mensal média de R\$ 821,26, sendo o quinto setor em termos salariais. Já em 2012, os valores referentes aos salários dos trabalhadores apresentaram uma grande evolução, passando para R\$ 1.907,78 mensais, um crescimento de 132,3% em relação a 2010, o maior entre todos os setores, sendo o segundo melhor salário do país.

Em relação ao salário do país e do estado da Bahia, no ano de 2012, observou-se que a remuneração do setor de construção civil em Vitória da Conquista apresenta-se maior que o das outras instâncias, tendo também um aumento na geração de empregos. Diante de todos os estudos sobre as questões salariais, foi possível identificar que a única forma de polarização presente em Vitória da Conquista foi à polarização pelas rendas.

Quanto à procedência das matérias-primas, como foi apresentado no trabalho, as empresas compram, em sua grande parte, os insumos que são fabricados em outras cidades, utilizando apenas areia, tijolos ou bloco e a cal, de origem local, que usam menos tecnologia no processo de fabricação. Em relação à polarização técnica da construção civil em Vitória da Conquista não existe, pois na região sudoeste não tem empresas de fabricação desse tipo de equipamento. Desta forma, ao somar os valores dos materiais que são utilizados na construção civil, que são produzidos internamente e os gastos com a mão-de-obra que corresponde a aproximadamente 30% dos custos de uma unidade habitacional, percebe-se que menos de 50% fica na economia local.

Destarte, o setor da Construção Civil se mostrou como um grande impulsionador da Economia Conquistense e das cidades circunvizinhas, pois através dos dados foi possível detectar o aumento significativo da renda salarial, além do emprego gerado na cidade, comprovando assim uma

polarização de renda. Em resposta a finalidade do presente trabalho, que é a de verificar se o setor da construção civil do município apresenta sinais de um pólo de crescimento, foi constatado através dos dados obtidos por meio da pesquisa semi-estruturada, que a cidade de Vitória da Conquista não se destaca como pólo de crescimento, devido à falta da polarização técnica, que é um dos fatores mais importantes para essa titulação. Para tanto é necessário que as empresas se conscientizem da importância das parcerias com as Universidades e Centros de Pesquisas em busca de fontes de informações que possibilitará as empresas um amplo conhecimento sobre as inovações tecnológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Ministério das Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). 2011. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acesso em jan. 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. 2011. Disponível em: <<http://www.rais.gov.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO (CBIC). **Coefficientes de emprego e renda**. Disponível em: <[http://www.cbicdados.com.br/media/anexos/cadeiaprod\\_coeficientes.xls](http://www.cbicdados.com.br/media/anexos/cadeiaprod_coeficientes.xls)>. Acesso em: 31 jul. 2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). Sondagem Indústria da Construção. In: 86º ENCONTRO NACIONAL DA INDÚSTRIA – ENIC, 86, 2014, Goiânia. Disponível em: <[http://www.cbicdados.com.br/media/anexos-/Apresentacao\\_sondagem\\_CNIC\\_86\\_ENIC\\_1.pdf](http://www.cbicdados.com.br/media/anexos-/Apresentacao_sondagem_CNIC_86_ENIC_1.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2014.

CORTES, S. M. V. Como fazer análise qualitativa de dados. In: BÊRNI, D. A. (Org). **Técnicas de pesquisa em economia**: transformando curiosidade em conhecimento. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 234-270.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O macrossetor da construção**. Rio de Janeiro, 2001.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O macrossetor da construção**. Rio de Janeiro, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HIRSCHMAN, O. A. **Estratégia do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Classificação Nacional de Atividades Econômicas**. Versão 2.0. Comissão Nacional de Classificação – Concla. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae2.0-/cnae2.0.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Anual da Indústria da Construção**: 2011. v. 21. ISSN: 0104-3412. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Industria\\_da\\_Construcao/Pesquisa\\_Anual\\_da\\_Industria\\_da\\_Construcao/2011/PAIC2011.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Industria_da_Construcao/Pesquisa_Anual_da_Industria_da_Construcao/2011/PAIC2011.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

- MONTEIRO FILHA, D. et al. Construção Civil no Brasil: investimentos e desafios. In: TOREES, E.; PUGA, F.; MEIRELLES, B. (Orgs.). **Perspectivas do Investimento: 2010-2013**. Rio de Janeiro: BNDES, 2010. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/liv\\_perspectivas/01\\_Perspectivas\\_do\\_investimento\\_2010\\_13\\_SINTESE.PDF](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/liv_perspectivas/01_Perspectivas_do_investimento_2010_13_SINTESE.PDF)>. Acesso em 4 jul. 2014.
- PAELINCK, J. A Teoria do Desenvolvimento Regional Polarizado. In: SCHARTZMAN, J. **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- PERROUX, F. O Conceito de Pólos de Crescimento. In: SCHARTZMAN, J. **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- SOARES, R. **Instituições de Ensino Superior e o Desenvolvimento Local em Vitória da Conquista – Ba**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007.
- SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Econômico**. 5. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2005.
- SOUZA, N. J. Desenvolvimento Polarizado e Desequilíbrios Regionais. **Análise Econômica**, Rio Grande do Sul, ano 11, n. 19, 1993.
- SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE

### Questionário Aplicado com Empresas da Construção Civil em Vitória da Conquista – BA.

#### Geografia das transações da empresa

Qual o percentual dos equipamentos que se origina a partir das localizações abaixo assinaladas?

No município de Vitória da Conquista	_____ %
Na região do sudoeste da Bahia	_____ %
Em outro município do estado da Bahia	_____ %
Em outro lugar do Brasil	_____ %
Fora do Brasil	_____ %
 Total	 100%

Indique a origem das principais matérias-primas utilizadas, destacando a distribuição percentual.

No município de Vitória da Conquista	_____ %
Na região do sudoeste da Bahia	_____ %
Em outro município do estado da Bahia	_____ %
Em outro lugar do Brasil	_____ %
Fora do Brasil	_____ %
 Total	 100%

#### Relação interfirmas

A empresa participa de algum tipo de associação/cooperação com outras empresas?

Sim ( ) Não ( )

Caso sim, que tipo?

Consórcio de exportação	Sim ( ) Não ( )
Central de compras	Sim ( ) Não ( )
Central de vendas	Sim ( ) Não ( )
Consórcio de desenvolvimento tecnológico	Sim ( ) Não ( )
Outros, especifique .....	Sim ( ) Não ( )

Em caso afirmativo, que tipo de vantagens a empresa obtém com isso?

A empresa recorre à terceirização para realizar algum tipo de serviço?

Itens	Nunca (0)	Pouco(1)	Regularmente ( 2)	Muito (3 )	Sempre (4 )
Limpeza					
Manutenção					
Transporte					
Alimentação					
Segurança					
Contabilidade					
Ascendência Jurídica					
Entrega/remessa de mercadoria					
Consultoria da área					

Design					
Criação de material promocional					
Assessoria de imprensa					
Outros, especifique.....					

Se não recorre à terceirização, por quê? .....

Subcontratação: a empresa recorre a outras empresas para realizar parte do processo produtivo (prestação de serviço ou fabricação de bens)?

Sim ( ) Não ( )

Se sim:

Qual é o motivo? Custo ( ) Falta regular de mão de obra próprios ( ) Variação do mercado/demanda ( ) Especialização ( ) Outros especifique ( ) .....

Se sim, indique os termos e as características da subcontratação conforme sugestões abaixo:

Tipo de contrato: formal ( ) informal ( )

Existe relação de exclusividade? Sim ( ) Não ( )

Localização da subcontratada: Vitória da Conquista ( ) No estado ( ) No Brasil ( ) No exterior ( )

Prazo de contrato: indeterminado ( ) por operação/lote ( )

Base dessa subcontratação: proximidade geográfica ( ) proximidade técnica e econômica ( ) outra, especifique ( ) .....

### **Inserção local da empresa e avaliação pelo entrevistado da localização**

Identifique as *vantagens* da localização da empresa na cidade de Vitória da Conquista. Favor indicar a vantagem utilizando a escala, onde 0 é nula, 1 é baixa vantagem, 2 é média vantagem e 3 é alta vantagem.

<b>Principais vantagens</b>				
Infra-estrutura física disponível	(0)	(1)	(2)	(3)
Infra-estrutura de serviços disponível	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Qualidade de mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Existência de programas governamentais	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidades com universidades e centro de pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidades com fornecedores	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com o mercado consumidor	(0)	(1)	(2)	(3)
Localização geográfica de Vitória da Conquista em relação a outras cidades	(0)	(1)	(2)	(3)
Outros. Citar:	(0)	(1)	(2)	(3)

A empresa utiliza a infra-estrutura local?

SEBRAE Sim ( ) Não ( )

SENIA Sim ( ) Não ( )



Sim ( ) Não ( )

Se sim, que tipo?

Reengenharia	Sim ( ) Não ( )
Certificação de qualidade	Sim ( ) Não ( )
Círculos de controle de qualidade	Sim ( ) Não ( )
Motivação para leitura	Sim ( ) Não ( )
Prêmios	Sim ( ) Não ( )
Escolha do funcionário padrão	Sim ( ) Não ( )
Outro, especifique	Sim ( ) Não ( )

A empresa realiza algum esforço de pesquisa e aprendizado?

Sim ( ) Não ( )

Se sim, qual a forma de desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos que a empresa utiliza?

Interno nas unidades de produção da empresa	Sim ( ) Não ( )
Interno nos laboratórios da empresa	Sim ( ) Não ( )
Externo. Qual? .....	Sim ( ) Não ( )
Parceria. Qual? .....	Sim ( ) Não ( )

Identifique as principais fontes de informação/ conhecimento especializado que a empresa utiliza, destacando seu grau de importância

	Nada (0)	Pouco (1)	Médio( 2)	Muito (3 )
Experiências anteriores da equipe				
Departamento de pesquisa e desenvolvimento				
Consultoria especializada				
Universidade e centros tecnológicos				
Publicações especializadas/Catalogo técnico				
Patentes				
Aquisição de novos equipamentos				
Troca de informações com empresas(cliente, fornecedores)				
Congressos e feiras comerciais e industriais do setor				
Sugestão dos empregados				
Outros, especifique.....				

Identifique as principais fontes de desenvolvimento e incorporação de novas tecnologias que a empresa utiliza, destacando seu grau de importância.

	Nada (0)	Pouco (1)	Médio( 2)	Muito (3 )
Aquisição de máquinas				
Cooperação com fornecedor de equipamento				
Cooperação com empresa de manutenção				
Cooperação com clientes				
Cooperação como outras empresas				
Cooperação com outras organizações (ensino, pesquisa ou apoio setorial)				
Via licenciamento				
Outros, especifique.....				